

A construção marcadora discursiva de visualização virtual e seu estatuto categorial

The discursive marker construction of virtual visualization and its categorial status

**SAMBRANA, VANIA
ROSANA MATTOS**
vania28mattos@gmail.com

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Discurso e Gramática - D&G/UFF, Brasil

PALAVRAS-CHAVE:
Marcador discursivo;
Categoria pragmática;
Construção gramatical.

RESUMO: A tese de que, na língua portuguesa, há um esquema construcional convencionalizado a partir de verbos visuais, *olhar* e *ver*, altamente metaforizados, acompanhados ou não de uma segunda subparte, responsável por gerenciar sentidos que articulam funções no âmbito da marcação discursiva (Sambrana, 2021), embasa o postulado de que a construção marcadora discursiva de visualização virtual configura-se como o esquema que aglomera tais elementos. Esse esquema licencia construções que atuam em contextos de uso que articulam sentidos mais procedurais, criados a partir da manipulação do espaço atencional, como, por exemplo, *olha...eu pensei que fosse morrer* ou *Vê lá, Júlia, o artigo é pra hoje*, entre outros. Tais sentidos mais procedurais derivam de estratégias de regulação da interação, articuladas entre os falantes, e modeladas por seus objetivos sociocomunicativos. Por essa caracterização funcional, admitimos que esses elementos compõem parte da categoria de marcadores discursivos. Como capacidade de armazenamento na memória dos falantes (Bybee, 2010 & Traugott; Trousdale, 2013), a construção marcadora discursiva de visualização virtual passa a se configurar como esquema [V_{visual} (X_{afixoide})]_{MDVV}.

KEY-WORDS:
Discourse marker;
Pragmatic category;
Grammatical construction.

ABSTRACT: The thesis that in the portuguese language there is a highly metaphorized conventionalized constructional schema formed by visual verbs, *olhar* (look) and *ver* (see), accompanied or not by a second subpart, responsible for managing meanings that articulate functions in the scope of discursive marking domain (Sambrana, 2021) supports the postulate that discursive marker construction of virtual visualization configures on this schema that are agglomerated such elements. This schema licenses constructions acting in the contexts of usage that driving procedural meanings. These meanings are created from the manipulation of the attentional space, e.g., *olha...eu pensei que fosse morrer* or *Vê lá, Júlia, o artigo é pra hoje*. Such more procedural meanings emerge from the strategies of interaction regulation articulated among the speakers, and shaped by their social and communicative objectives. As a result of that, these elements should be regarded as part of the discourse markers class. As a storage capacity of the memory of speakers (Bybee, 2010 & Traugott; Trousdale, 2013), the discursive marker construction of virtual visualization is configured as schema [V_{visual} (X_{afixoide})]_{MDVV}.

1. INTRODUÇÃO

1. Este trabalho é recorte de uma pesquisa pancrônica sobre o surgimento dos marcadores discursivos de base visual que se encontra publicado em Sambrana (2021).

2. A versão original diz: “Discourse markers are invariable expressions which are syntactically independent from their environment typically set off prosodically from the rest of the utterance, and their function is to relate in an utterance to the situation of discourse, that is, to the organization of texts, speaker-hearer interaction, and/or the attitudes of the speaker.” Tradução nossa.

3. A versão original diz: “[...] function of *wich* is to - bracket discourse”, that is, to mark relations between sequentially dependent units of discourse.” Tradução nossa.

4. Nesse direcionamento, este trabalho exclui os processos de mudança linguística abordados em Sambrana (2021).

Este artigo se dedica à descrição do estatuto categorial da construção marcadora discursiva de visualização virtual, representada esquematicamente como $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$.¹ Considerada como unidade gramatical da língua pertencente a uma categoria pragmática (Traugott, 1995), a construção marcadora discursiva de visualização virtual desempenha sentidos mais procedurais. Dessa forma, este trabalho aborda tanto aspectos morfossintáticos como funcionais na descrição da construção marcadora discursiva de visualização virtual. Como ponto de partida para a descrição categorial, faz-se necessário o conceito de marcador discursivo:

Os marcadores discursivos são expressões invariáveis que são sintaticamente independentes de seu ambiente, geralmente destoam prosodicamente do resto do enunciado e sua função é relacionar um enunciado à situação do discurso, isto é, à organização dos textos, à interação entre falante e ouvinte e/ou às atitudes do falante. (Heine; Kaltenböck; Kuteva, 2019, p. 2).²

Já é consenso que a classe dos marcadores discursivos é tomada como categoria pragmática de alta relevância na instância da enunciação (Schiffrin, 1987; Traugott, 1995; Risso; Silva; Urbano, 2002), polifuncional, composta por membros com limites difusos entre si, que “marcam relações entre unidades do discurso sequencialmente dependentes”³ (Traugott, 1995, p. 5). Sendo assim, nossa intenção é investigar, nesse universo, o lugar categorial da construção $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$.

Neste artigo, decidimos por uma perspectiva sincrônica do ponto de vista interacional, ou seja, como foco no uso linguístico, representativa do século XX⁴. Para cumprir esse objetivo, a Linguística Funcional Centrada no Uso, que representa uma das vertentes mais atuais do funcionalismo linguístico, norteia nossos procedimentos. A Linguística Funcional Centrada no Uso agrega a perspectiva funcionalista de vertente norte-americana com a perspectiva construcionista de vertente cognitivista. Por essa razão, sob esse rótulo, há uma imbricação entre a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva. Ambas as vertentes teóricas aceitam a “con-

cepção de que os usos linguísticos resultam de modelos convencionalizados com base na interface linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico” (Furtado Da Cunha; Bispo, 2013, p. 54).

Vejamos três contextos de uso que licenciam a construção marcadora discursiva de visualização virtual:

(1) Estado - Que balanço você faz da sua carreira?

Faria - **Olha**, sem nenhuma demagogia, eu me sinto muito feliz com tudo o que fiz. De verdade. Eu nunca supus que fosse fazer tudo o que acabei fazendo. Às vezes eu olho em retrospecto a minha vida e percebo que não sou eu quem a carrega, mas ela é que me leva. (*Corpus* do Português, Oral, Br., Roberto Farias, XX)

(2) “mas eu sou burro de carga dessa igreja ... sou burro de carga dessa igreja” ... mas ... pelo jeito eu gostava de fazer aquilo porque é o meu jeito mesmo de ficar ajudando os outros e tudo mais ... não é ... **olha aí** ... é: aí ... mas ... eu sempre falava aquilo brincando ... (*Corpus* D&G, Natal, Relato, XX)

(3) OP - Esse futuro que vocês apontam para acordos que beneficiem os estados do Nordeste, especialmente o Ceará, é apenas uma maneira de dizer? O que há de concreto em termos de novos planos de voos para o Ceará?

MT - Não é apenas uma maneira de dizer, **veja bem**, o mercado tem que se desenvolver em conjunto. Não adianta desenvolver somente a parte de voo se não tiver desenvolvido toda a estrutura. (*Corpus* do Português, oral, Br., Manuel Torres, XX)

Em (1), *olha* apoia o discurso tornando a informação veiculada digna de crédito. Sendo assim, a função do marcador discursivo *olha*, em (1), constitui em orientar negociações de sentidos com o objetivo de torná-los asseverativos. Nos termos de Neves (2011, p. 249), o sentido asseverativo não garante que o que se diz seja, realmente, verdadeiro ou não. Para a autora, a intenção do falante é marcar seu enunciado como digno de crédito e de atenção.

No fragmento (2), através de estratégias inferenciais e intersubjetivas, o falante não só remete o ouvinte à relação entre as duas porções textuais, mas também convida ao partilhamento da constatação. Em Sambrana (2017), o marcador discursivo **olha aí** é considerado como uma estratégia para provocar instantaneidade na resposta/atitude do ouvinte.

Em (3), o uso de *veja bem* evidencia a condução do ouvinte nas atribuições de sentido. O recrutamento de *veja bem* propicia a organização textual na elaboração da resposta dada enquanto torna a negociação mais propícia aos sentidos atribuídos pelo falante, uma vez que repete *Não é apenas uma maneira de dizer*.

Nos fragmentos (1), (2) e (3), observamos que os recrutamentos de *olha*, *olha aí* e *veja bem* funcionam como apoio discursivo no cumprimento dos objetivos sociocomunicativos dos falantes. Os contextos de uso em que *olha*, *olha aí* e *veja bem* se encontram extrapolam da simples justificativa de recrutamento pela composição da ordenação sintática da estrutura argumental. Em cada contexto de uso apresentado, há uma estreita relação entre o enunciado e a situação do discurso (Heine; Kaltenböck; Kuteva, 2019), o que se revela em estratégia discursiva eficaz de orientação da interação.

Sob a orientação da Linguística Funcional Centrada no Uso, as realizações concretas da língua podem ser formalizadas em padrões de uso. Nessa visão funcional-construcionista, a construção marcadora discursiva de visualização virtual passa a ser representada como esquema [V_{visual} (X_{afixoide})]MDVV. A partir da análise de dados dos corpora selecionados⁵, destacam-se 24 construções individuais para esse esquema. Nos corpora, encontramos [olha], [olhe], [olhem], [olha aqui], [olhe aqui], [olha lá], [olhe lá], [olha aí], [olha só], [olha bem], [olhe bem], [vê], [veja], [vejam], [vejamos], [viu], [vê lá], [veja lá], [vê só], [veja só], [vejam só], [vê bem], [veja bem] e [vejam bem], entre outras, como exemplares. Nesse direcionamento, assumimos que toda construção que funciona no âmbito da marcação discursiva formada por base visual e uma subparte, se for o caso, pertence ao esquema [V_{visual} (X_{afixoide})]MDVV. Entretanto, neste

5. As fontes pesquisadas para montagem do corpus são: Corpus Discurso & Gramática (D&G); Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC); Corpus do Português (CP); Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CHPTB); Corpus Vercial/Linguatca (VC/L); Corpus Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL).

trabalho, nos detemos apenas nos 24 exemplares apontados. Na instância do uso, nessa formação, chamamos tais exemplares de marcadores discursivos de visualização virtual ou MDVV.

Além da Introdução, este artigo se organiza em mais cinco seções: *Fundamentação teórica e metodológica: por que optar pela LFCU*, que traz esclarecimentos quanto ao embasamento teórico e aos procedimentos metodológicos; *Contextos de uso e Motivação cognitivo-funcional*, que se compõem de análises motivacionais, funcionais e formais dos contextos de usos apresentados; *Caracterização construcional*, onde procedemos à representação morfossintática, à descrição das partes e subpartes construcionais e à caracterização quanto aos fatores de produtividade, esquematicidade e composicionalidade; por fim, *O estatuto categorial da construção marcadora discursiva de visualização virtual*, que atesta que os MDVV são elementos de natureza relacional que desempenham funções procedurais e, por conseguinte, são elementos de uma categoria pragmática.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA: POR QUE OPTAR PELA LFCU?

Dois motivos norteiam a escolha de nossa fundamentação teórica. Primeiro motivo envolve um consenso geral entre os pesquisadores funcionalistas, a relação estreita existente entre o uso da língua e a emergência das estruturas da gramática (Hopper, 1987; Furtado Da Cunha, Bispo e Silva, 2013). O segundo motivo aponta para a possibilidade de conjugar análises entre os diferentes níveis de apresentação da gramática, uma vez que a abordagem preterida incorpora, em mesmo plano de análise, morfossintaxe, semântica, fonologia, pragmática, funções discursivas e, nos moldes de Bybee (2010), fatores cognitivos que impactam a configuração da gramática. Assim, justificamos nossa escolha pela Linguística Funcional Centrada no Uso ou LFCU.

2.1 A LFCU

Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é um termo cunhado pelo grupo de pesquisa Discurso & Gramática (D&G)⁶. Seu arcabouço teórico engloba conceitos-chave na interface entre o uso da língua e sua estrutura, de modo que o exame das formas linguísticas permite pontuar regularidades surgidas a partir de situações reais de uso.

A partir dos estudos de Martelotta (2011), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Oliveira e Rosário (2015), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015) e Rosário e Oliveira (2016) organizamos um quadro demonstrativo com conceitos-chave balizadores das pesquisas desenvolvidas no âmbito da LFCU:

6. Esta investigação está vinculada ao Grupo de Pesquisa Discurso e Gramática (D&G/UFF), podendo ser acessado pelo site: <http://deg.uff.br>. No Brasil, o Grupo de Pesquisa D&G mantém sedes na UFF, na UFRJ e na UFRN.

Quadro 1 - Conceitos-chave balizadores das pesquisas em LFCU

Fonte - Autoria nossa.

Conceito-chave	Descrição do conceito-chave
Cognição	Processo neurorracional de construção do conhecimento humano a partir da interação bio-sócio-cultural dos usuários da língua. Ao processar o discurso, o falante ativa mecanismos de natureza cognitiva. Tais mecanismos se configuram em operações mentais que atuam em conjunto com outras tarefas das rotinas comunicativas.
Linguagem	Associada diretamente ao uso linguístico, a linguagem é tomada como um processo cognitivo e sócio-cultural que inclui tanto habilidade como desempenho das rotinas comunicativas.
Discurso	Refere-se a manifestações do uso da língua em uma determinada situação de interação, tomadas como materialidade das trocas de sentidos nas interações.

Padrão Discursivo	Tomado como contexto comunicativo que se ritualiza e, conseqüentemente, se convencionaliza em forma e função. De modo ampliado, recobre conceitos tipológicos de seqüência ou tipo textual e gênero discursivo.
Texto	É o lugar dinâmico onde ocorre a organização e a manifestação do discurso.
Língua	“Sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e outros que estão em permanente emergência” (Furtado Da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 20).
Gramática	Conjunto de padrões de uso que se impõe como um sistema hipotético de conhecimento linguístico, norteador de restrições e licenciamentos desses usos durante as produções do discurso, ou seja, a gramática emerge no discurso.
Construção	É a unidade básica da língua, que se constitui em um pareamento indissociável de forma-sentido.
Constructo	Como um ato concreto na modalidade falada ou escrita, o constructo é a efetiva realização do uso linguístico. O constructo é o nível não virtual da língua.
Mudança Linguística	A mudança linguística é um fator inerente da natureza dinâmica das línguas. Ao propor que o discurso modela a gramática, assume-se que rotinas cognitivas somadas aos objetivos sociocomunicativos dos falantes provocam o surgimento de camadas gradientes de padrões de uso que, com o tempo, se convencionalizam em novas construções.

Quadro 1 - Conceitos-chave balizadores das pesquisas em LFCU (continuação)

Fonte - Autoria nossa.

O Quadro 1 traz definições que partem do discurso como realizações *on line* do uso linguístico, demonstrando, assim, que as situações de uso da língua determinam sua estrutura gramatical. Dessa asserção enraizada no Funcionalismo, a LFCU defende que a representação fiel da descrição da língua e de suas motivações para a formatação de seus padrões de uso devem partir dos estudos dos contextos discursivos, quer seja em abordagem sincrônica ou diacrônica. Nesse direcionamento, gramática emerge do discurso na medida em que pressões de ordem cognitiva, estrutural e sociocomunicativa atuam em conjunto moldando os usos. “Nesse sentido, gramática e discurso estão intrinsecamente entrelaçados e coatuam em mútua dependência, sendo um (re)modelado pelo outro.” (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 20).

Já o caráter construcional adotado pela LFCU advém do postulado de que as unidades básicas da língua são construções. Essa aceção desencadeia uma agenda de trabalho voltada para a Gramática de Construções (Croft, 2001). Por essa razão, o foco de análise da LFCU recai sobre uma inter-relação entre diversos fatores de análise que constituem as duas abordagens.

Segundo Goldberg (1995, p. 4; 2006, p. 5), Croft (2001, p. 16) e Traugott e Trousdale (2013, p. 5), construção é um pareamento de forma-sentido, unido por elo de correspondência simbólica e convencionalizado por um grupo de falantes. Bybee (2003) e Goldberg (2006) reconhecem que o armazenamento das construções depende da frequência com que ocorrem. Em Goldberg (2013), a autora acrescenta que “construções são definidas como sendo pareamentos convencionalizados de forma-função aprendidos em vários níveis de complexidade e abstração”⁷ (Goldberg, 2013, p. 11).

7. O original diz: “Constructions are defined to be conventional, learned form-function pairings at varying levels of complexity and abstraction.”
Tradução nossa.

Com base em Croft (2001), a construção é representada como uma unidade simbólica em que o polo da forma é composto por propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e o polo do sentido/função é composto por componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Em versão sintetizada, Traugott e Trousdale (2013, p. 8) teorizam que construções são descritas em termos de [[Forma] ↔ [sentido]]. Em acréscimo, as construções ainda são descritas pelos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esses fatores dimensionam características internas e externas das construções.

Esquematicidade, segundo Traugott e Trousdale (2013), envolve abstração, entendida como generalização. Produtividade, nos termos de Bybee (2003), é a aferição da frequência *type*, que é a ocorrência do tipo de padrão específico, e da frequência *token*, que se dá pela quantificação de ocorrências de uso. Para os autores, composicionalidade refere-se ao quanto do sentido da construção depende da correspondência entre suas subpartes.

Haja vista as considerações, o desafio da LFCU é descrever os usos concretos da língua, bem como as motivações cognitivas e as pressões sofridas no ambiente sociocomunicativo. O resultado dessa modelagem dos usos linguísticos é a manutenção ou criação de construções.

2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sob um viés sincrônico, as análises seguem o método misto (Cunha Lacerda, 2016) com tratamento quantitativo e qualitativo dos dados.

Os procedimentos adotados se iniciam com análises de contextos de uso. Para demonstrar as motivações para o uso dos MDVV, lançamos mão de critérios como modalidade da língua (escrita/falada), o ambiente sintático-semântico e ganhos pragmáticos. Para a descrição da modalidade da língua (escrita/falada), utilizamos o *Corpus D&G* como instrumento para medir a propensão de recrutamento por modalidade selecionada pelos falantes, uma vez que o *Corpus D&G* apresenta uma contraparte escrita das entrevistas executadas. Como fechamento da análise dos contextos de uso, efetuamos uma caracterização cognitivo-funcional. Logo após, procedemos à caracterização construcional nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Para tal, utilizamos como base de análise os fatores construcionais de composicionalidade, produtividade e esquematicidade.

Como decisão metodológica, quando possível, tomamos os resultados em forma de grau, expostos por meio de apreciações descritivas, resultados quantitativos, quadros, tabelas e figuras expositivas. Nossa intenção é manter o caráter gradiente da língua na descrição sincrônica. A fim de não alongar desnecessariamente este artigo, dentre os 24 exemplares levantados, os contextos de uso apresentados se detêm a 11 exemplares.

3. CONTEXTOS DE USOS

O objetivo desta seção é caracterizar os contextos de uso da construção marcadora discursiva de visualização virtual. Bybee (2010, p. 14) argumenta que “uma posição central para se basear no uso é a hipótese de que as instâncias de uso impactam a representação cognitiva da linguagem”⁸. Bergs e Diewald (2009) afirmam que qualquer ato linguístico se situa concomitantemente no contexto e no co-texto. Para os autores, contexto se define como a área de

8. A versão original diz: “Central to the usage-based position is the hypothesis that instances of use impact the cognitive representation of language”. Tradução nossa.

sobreposição entre pragmática e discurso. Por sua vez, co-texto se limita aos fatores internos, como o ambiente sintático e textual. Traugott e Trousdale (2013) assumem que contexto é “o co-texto linguístico amplamente construído como um ambiente linguístico que inclui sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (escrita/falada) e, às vezes, padrões discursivos e sociolinguísticos mais amplos.”⁹ (Traugott; Trousdale, 2013, p. 196).

9. A versão original diz: “By context we mean linguistic co-text broadly construed as linguistic environment, including syntax, morphology, phonology, semantics, pragmatic inference, mode (written/spoken), and sometimes wider discourse and sociolinguistic contexts.” Tradução nossa.

Nesta seção, os contextos de uso se restringem aos MDVV *olhem, olhe aqui, vejamos, vê lá e veja só*:

(4) Ele lá vinham os rapazes e as raparigas, levavam os tascos para aí para o meio do barro e acendiam a fogueira, cantavam. E se houvesse castanhas, até assavam castanhas e bebiam a pinga. Depois contavam’ lhonas’ **Olhem**, ele inda fazem-me lembrar o... INQ1’ Lhonas?’ INF Sim,’ lhonas’, quer dizer, histórias. Histórias, não é? Histórias e adivinhas e assim umas coisas para fazer rir as pessoas. (*Corpus do Português, Cordial: COV01, XX*)

(5) Delfino pensou: “ Provavelmente esse velho pensa que passa os cobres a essa pústula de sacristão e que ele nunca mais aparece aqui. Com isto quer me arrastar a outro roubo e me deixar, isto sim, à mercê do sacristão. Vá para o diabo que o carregue “. Falou alto: - **Olhe aqui**, seu Juca Vilanova, não vejo jeito de o senhor nem ninguém me livrar desse sacristão, não. Eu mesmo é que tenho de me arranjar. Não entre nisto, não. – Não... Não me obrigue a medidas drásticas, meu... meu filho. - Quero ver o que vão me fazer - disse Delfino, levantando-se. (*Corpus do Português, António Callado, A Madona de Cedro, XX*)

(6) Fez uma porta grande, metade dando pra esse corredorzinho que ficou, que é então a porta de serviço, e uma outra porta igual do lado formando conjunto da sala. Depois aumentou a sala até o fundo, fez uma sala maior e esse banheiro aqui de cima eu acho que já, já tinha sido feito antes. E, **vejamos**, bossas de decoração e tal, portas, não sei o que mais. Agora, eu ainda encontrei muitos problemas aqui com encanamentos, tive que, logo que

cheguei tive que gastar um bocado de dinheiro com isso e agora estou aumentando a cozinha que era pequena, muito desajeitada. (NURC, DID, XX)

(7) E- Eu nunca fiz... nunca fiz pudim de leite.

I- E como faz?

E- Nunca fiz! Estou falando sério, Glorinha.

F- Bom, então eu vou dar heim. vê lá, heim! Uma lata de leite condensado. Mas não vai escrever, pelo menos, ora!

E- Lógico! Pega aí o lápis, Teresa. Manda fundo, vai fundo, vai lá. (PEUL/RJ, Censo 1980, falante 11, XX)

(8) — Essas palestras aconteceram em que época? — Ali por 1981. Anos depois, em 1988, o Waldo teve a ideia de fundar um instituto. E logo que ele fundou o Instituto, eu me afastei do trabalho dele, porque aí não tinha mais a ver. O Waldo estava ficando muito... como é que eu vou dizer isto? Bem, veja só, você é jornalista. Eu sou comunicador. A gente gosta de uma linguagem mais clara, né? — Exatamente, mais direta... — Direta! E a linguagem que o ele estava colocando parecia estar afastando muito as pessoas do conhecimento que ele queria abrir. Na verdade, estava fechando. (*Corpus* do Português, entrevista, Wagner Borges, XX)

Quanto à expressão de modalidade da linguagem, os marcadores discursivos estão presentes nas duas modalidades, uma vez que “a língua falada e a língua escrita integram um mesmo sistema” (Jubran, 2015, p. 18). Nos termos de Marcuschi (2004), a fala é de concepção oral, por conseguinte, seu meio de produção é sonoro, enquanto a escrita necessita de redação, dessa forma, seu meio de produção é gráfico. Como extremidades de dois domínios linguísticos, a fala e a escrita formam um contínuo. Nas análises dos dados, observa-se predominância de recrutamento dos MDVV na modalidade falada.

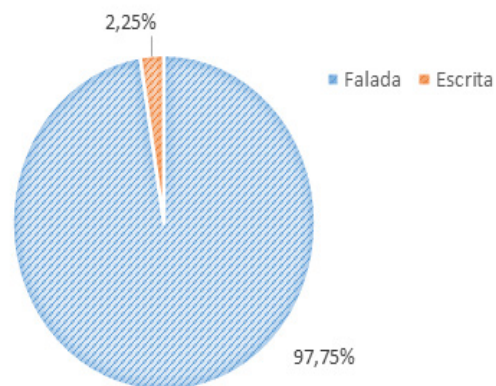
Em (4), (6), (7) e (8), temos situações comunicativas de entrevistas monitoradas. Por sua vez, em (5), ocorre uma situação comunicativa de coatuação no evento de fala, que denominamos de situação comunicativa dialogal. Dentre esses dois tipos, o que impera é a expressão da língua através da modalidade falada. Agora, vejamos o fragmento (9):

(9) **Olhem** a minha opinião sobre o casamento é essa eu acho que o casamento é uma decisão muito séria dez de quando a pessoa chega a pençar em se casar... ela deve pençar muito repençar até chegar à uma resposta certa. Bom eu venho mantendo meu casamento até hoje já vão se completar 20 anos de casada olha lá estou quase alcançando bolas de pratas e assim eu espero... (*Corpus D&G*, informante 77, Relato de opinião, parte escrita, XX).

Em (9), flagramos o uso de marcador discursivo *olhem* na modalidade escrita em um relato de opinião extraído do *Corpus D&G*. Dentre os 133 dados selecionados do *Corpus D&G*, século XX, encontramos apenas 3 dados que ilustram a modalidade escrita. Considerado um tipo de contexto de uso de baixa frequência, o Gráfico 1 expõe essa discrepância:

Gráfico 1 - Frequência dos MDVV nas modalidades escrita e falada do *Corpus D&G*

Fonte - Autoria nossa



Conforme observado no Gráfico 1, nos dados computados do *Corpus D&G*, os MDVV são 97,75% recrutados em contextos de uso na modalidade falada, enquanto que, na modalidade escrita, apenas 2,25% de recrutamento são captados. Pela distância dos resultados, nota-se que não se trata de uma questão de preferência dos falantes, mas de um procedimento criado por rotina de padrão de uso para tal família de marcadores discursivos. Dessa forma, no que diz respeito à caracterização de um domínio de linguagem, os MDVV são estratégias recrutadas, predominantemente, em situações comunicativas de falas.

Quanto ao ambiente sintático-semântico em que os MDVV estão inseridos, a estrutura argumental, entendida aqui como sintaxe da oração, e a noção de sintaxe discursiva elaborada por Marcuschi (1986) são pontos que devem ser levados em consideração. Neste artigo, entender esses dois pontos é relevante na determinação das categorias ditas pragmáticas. Em (4), (5), (6), (7), (8) e (9), as ocorrências de *olhem*, *olhe aqui*, *vejamos*, *vê lá* e *veja só* se destacam da estrutura oracional, uma vez que os MDVV não se encontram na estrutura argumental. As bases verbais de uso transitivo encontram-se no interior das estruturas argumentais (Furtado da Cunha; Souza, 2011), enquanto as bases verbais recrutadas para a marcação discursiva encontram-se fora da estrutura argumental, como defende Sambrana (2021). Sendo assim, nos termos de Marcuschi (1986) e Sambrana (2021), os MDVV estabelecem relações em um tipo de sintaxe discursiva. Como os autores afirmam, são sentidos construídos à margem das proposições.

Desse modo, em (4), (6) e (8), *olhem*, *vejamos* e *veja só*, respectivamente, sustentam o turno de fala em que estão inseridos. Em (5), *olhe aqui* introduz um turno de fala. Em contrapartida, em (7), o uso de *vê lá* não garante o sustento do turno, porquanto é um marcador que encerra a proposição e abre um espaço atencional maior para a criação de um sentido pressuposicional. Em estágio mais avançado, *vê lá* está mais abstratizado que os outros marcadores discursivos apresentados, ou seja, é um apoio discursivo menos envolvido na organização textual-interativa e mais direcionado à veiculação de sentidos discursivo-pragmáticos.

Haja vista essas colocações, os MDVV interagem com a estrutura textual e com a situação discursiva. Sendo assim, os MDVV orientam a interação, enquanto negociam os sentidos veiculados no contexto e no co-texto. Nessa perspectiva, propomos a existência de uma estrutura *não argumental* interagindo com a *estrutura argumental*, a favor do discurso.

No que diz respeito aos ganhos pragmáticos (Bybee, 2015, p. 157), que geram as funções discursivo-pragmáticas (Martelotta, 2011) como uma propriedade funcional de descrição dos objetos linguísticos (Traugott; Dasher, 2005), pontuamos um contínuo entre funções textual-interativas e funções discursivo-pragmáticas (Sambrana, 2017).

Como já apontado em (4), (6) e (8), o uso de *olhem*, *vejamos* e *veja só* apoiam funções centradas mais na organização textual, na manutenção dos turnos e na condução da atenção do ouvinte para a informação veiculada. No caso de *olhe aqui*, em (5), ainda temos um certo escopo quanto à estruturação do turno. Entretanto, observamos que o recrutamento da forma *olhe aqui* apoia uma reprimenda “...Não entre nisto, não.”, o que torna funções discursivo-pragmáticas mais transparentes no contexto de uso. Nos termos de Traugott (2018; 2021), há um ganho intersubjetivo na veiculação dos sentidos. Dessa forma, consideramos *olhe aqui* menos ligado a funções textual-interativas e um pouco mais direcionado a induzir mudanças no comportamento do ouvinte.

No outro ponto do contínuo, consideramos *vê lá*, em (7), como altamente ligado à estratégias que geram sentidos intersubjetivos para um ganho maior de funções discursivo-pragmáticas. Observamos que seu recrutamento apoia um reforço de requisição de atenção para comprometer o ouvinte na negociação de um tipo de contrato sociocomunicativo. Nessa condução de atitude, funções discursivo-pragmáticas surgem alterando a cena interativa e extrapolando expectativas extralinguísticas dos falantes.

Propomos, neste trabalho, que, entre as formas *olhem*, *olhe aqui*, *vejamos*, *vê lá* e *veja só*, a forma *olhem* se posiciona como o MDVV mais representante de funções textual-interativas.

Na Figura 1, ilustramos essas considerações acerca de um contínuo funcional:

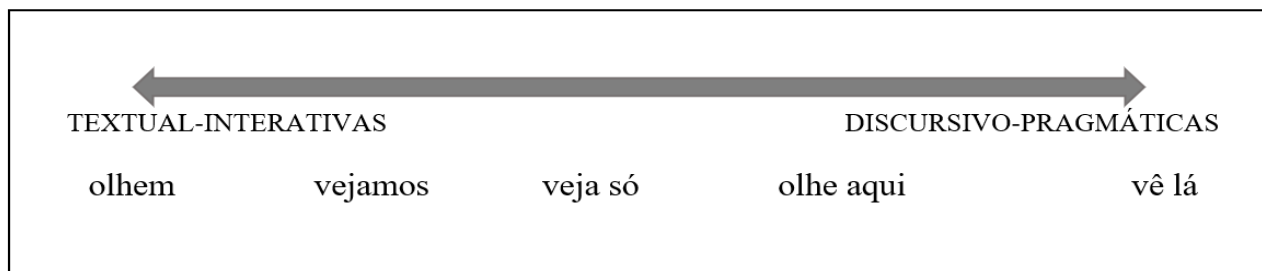


Figura 1 - Contínuo das funções desempenhadas pelos MDVV

Fonte - Autoria nossa (com base em Sambrana (2017; 2021))

Entre as formas *olhem*, *olhe aqui*, *vejamos*, *vê lá* e *veja só*, a forma *olhem* se posiciona como o MDVV mais representante de funções textual-interativas que o MDVV *vejamos* pela possibilidade de ser recrutado para a modalidade escrita da língua. O MDVV *vejamos* se posiciona mais representante de funções textual-interativas que o MDVV *veja só* pela possibilidade de enumeração em forma de lista, cujos referentes constituem seres concretos na cena interativa. Por sua vez, *veja só* se posiciona como o MDVV mais representante de funções textual-interativas que o MDVV *olhe aqui*, uma vez que sua função principal é dar apoio à estruturação discursiva da argumentação. Por fim, neste contínuo, consideramos *vê lá* como o MDVV prototipicamente representante dos MDVV que desempenham funções discursivo-pragmáticas, porquanto favorece maior grau de monitoramento da interação, produzindo mudanças de atitude do ouvinte.

Por fim, determinar funções desempenhadas pelos MDVV torna-se mais produtivo se levarmos em conta a questão de graus em um contínuo. Nesse sentido, conclui-se que, na instância do uso, há forte interdependência entre contexto e co-texto, de modo que construções podem ser modificadas para se adaptarem a um contexto em particular. Por essa razão, atentamos para a relevância dos contextos de uso.

4. MOTIVAÇÃO COGNITIVO-FUNCIONAL

As instâncias de uso destacadas nos fragmentos (1), (2), (3), (4), (5), (6), (7), (8) e (9), entre outras de nosso *corpus*, explicitam funções que derivam da macrofunção de chamamento de atenção (Marcushi, 1986; Castilho, 2014), porquanto a base visual (*olhar e ver*) traz inferências centradas em camadas de línguas mais originais, em que sentidos lexicais do processo da percepção-visual são semanticizados (Sambrana, 2021).

Nessa semanticização, a base visual que ora configura-se em um processo de condução da visão/percepção do ouvinte para um determinado objeto, o que cria, concretamente, um campo visual na interação, passa a ser interpretado como um campo de visualização virtualizado, ou seja, criado no momento da interação para servir de base ao processo de conceptualização de sentidos mais abstratos. Esse campo visual não é concreto, mas sim proposto pelos falantes na situação discursiva. Por essa razão, a dispensação de atenção é tomada como visualização virtual (Sambrana, 2021). Sendo assim, o recrutamento de tais marcadores discursivos competem para cumprir estratégias como organização textual, monitoramento da interação, condução do processamento das informações veiculadas e indução de tomada de atitude, entre outras, através da manipulação do espaço atencional proposto ou reforçado pelos marcadores discursivos de visualização virtual.

5. CARACTERIZAÇÃO CONSTRUCIONAL

Esta seção trata da representação morfossintática dos elementos que compõem a construção marcadora discursiva de visualização virtual somada aos fatores construcionais de composicionalidade, esquematicidade e produtividade. Em nosso levantamento sincrônico, representativo do século XX, coletamos um somatório de 2.592 dados. Conforme o Quadro 2, para a verificação da produtividade de uma construção, é necessário estabelecer as frequências *token* e *type* das formas (Bybee, 2003):

Microconstrução		Quantitativo <i>token</i>	Quantitativo <i>token por type</i>	<i>Type</i> virtual
Base visual <i>olhar</i>	[olha]	1.548	1.883	[(olhar)]
	[olhe]	328		
	[olhem]	7		
	[olha aqui]	38	124	[(olhar)(Afix _{Loc})]
	[olhe aqui]	19		
	[olha ai]	18		
	[olha lá]	32		
	[olhe lá]	17	68	[(olhar)(Afix _{Foc})]
	[olha só]	64		
	[olha bem]	2		
	[olhe bem]	2		
Base visual <i>ver</i>	[vê]	11	373	[(ver)]
	[veja]	32		
	[vejam]	5		
	[vejamos]	5		
	[viu]	320		
	[vê lá]	19	44	[(ver)(Afix _{Loc})]
	[veja lá]	25		
	[vê só]	3	100	[(ver)(Afix _{Foc})]
	[veja só]	25		
	[vejam só]	8		
	[vê bem]	5		
	[veja bem]	49		
[vejam bem]	10			
Total de <i>token</i>		2.592		6 <i>types</i>
Total de <i>type</i> virtual				

Quadro 2 - Frequência *token* e frequência *type* de [V_{visual} (X_{afixoide})] MDVV, séc. XX

Fonte - Autoria nossa com base em Sambrana (2021)

O Quadro 2 demonstra que o padrão formado por *olhar* é mais produtivo do que o composto pela base *ver* na questão da frequência *token*, que é a aferição dos dados. Embora as duas bases possuam três *types* construcionais cada, conforme demonstrado na última coluna, os *types* que produzem construções formadas por apenas uma subparte são mais produtivos em termos de frequência *token*. Em suma, no século XX, há tendência pela instanciação de construções MDVV atômicas, que, cognitivamente, apresentam menos complexidade estrutural e semântica, como, por exemplo, *olha*, *olhe* e *viu*.

Como um apanhado geral da totalidade dos dados, no Quadro 2 atestamos que as microconstruções marcadoras discursivas são formadas pela base visual *olhar* ou *ver* acompanhadas ou não de uma segunda subparte. A essa segunda subparte, *aqui*, *lá*, *aí*, *só* e *bem*, denominamos de afixoides (Booij, 2007). Tais subpartes se especializam na orientação espaço-foco-virtual. Esse título se deve ao acréscimo dos sentidos procedurais que veiculam, em que o sentido de espaço físico serve de base para articular sentido de espaço idealizado virtualmente na interação. Vejamos o fragmento (10) que atesta nossa abordagem:

(10) Confirmaram-lhe a frescura do café, e por isso o Dr. Carvalhal quis também café, alongou de novo o braço, no gesto sempre nele corrente e que significava: “Primeiro eu”
- **Olha lá**, Silvério, as tuas insónias... Se depois não dormes... Quem não está habituado...
(*Corpus do Português, A Gata Borracheira*, Tomaz de Figueiredo, XX)

O fragmento (10) traz o marcador discursivo *olha lá* como instância de uso da microconstrução [olha lá], funcionando como apoio à repreensão branda dada ao ouvinte. O distanciamento sugerido por *lá* infere um valor de polo negativo aos sentidos negociados. Dessa forma, o recrutamento de *olha lá* sugere, pragmaticamente, que o ouvinte necessita tomar cuidado. Como orientação espacial, a noção de espaço físico distante do falante e do ouvinte (Martelotta, 2012) não pode ser resgatada nem no espaço-texto nem no espaço-situação (exofórico). Esse espaço é pressuposto num constructo mental que emerge da situação interativa-comuni-

cativa, sugerindo uma inferência de futuridade. Por essa razão, a esse fenômeno, por enquanto, chamamos de espaço-virtual idealizado.

Pontuamos que a variabilidade dos pareamentos, partes e subpartes, se distingue pelo grau de comprometimento entre co-texto e contexto. Conforme apontado, a construção marcadora discursiva de visualização virtual ou $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$ é tomada como um esquema que aglomera, no nível mais baixo, as microconstruções individuais. Com nosso levantamento, chegamos à fixação das seguintes microconstruções integrantes da construção $[V_{\text{visual}}(X_{\text{afixoide}})]_{\text{MDVV}}$:

- 1- de base visual *olhar* com uma parte, como: [olha], [olhe] e [olhem];
- 2- de base visual *olhar* com duas subpartes, em que uma é acrescida de afixoide com valor locativo, como: [olha aqui], [olhe aqui], [olha lá], [olhe lá] e [olha aí];
- 3- de base visual *olhar* com duas subpartes, em que uma é acrescida de um afixoide com valor focalizador, como: [olha bem], [olhe bem] e [olha só];
- 4- de base visual *ver*, como: [vê], [veja], [vejam], [vejam] e [viu];
- 5- de base visual *ver* com duas subpartes, em que uma é acrescida de um afixoide com valor locativo, como: [vê lá] e [veja lá];
- 6- de base visual *ver* com duas subpartes, em que uma é acrescida de um afixoide com valor focalizador, como: [vê só], [veja só], [vejam só], [vê bem], [veja bem] e [vejam bem].

Cada microconstrução veicula sentido especificado no nível textual, discursivo e pragmático, a depender dos objetivos sociocomunicativos dos falantes.

Com base na premissa de que os falantes retêm na memória esquemas de “representações redundantes” como um grande detalhamento dos eventos linguísticos (Bybee, 2010), propo-

mos uma representação em rede capaz de demonstrar os níveis de esquematicidade propostos. Nessa abordagem construcional, [V_{visual} (X_{afixoide})]MDVV torna-se o nível mais abstrato de generalização que abrange um ponto de aglomeração de todas as construções marcadoras discursivas de visualização virtual, até mesmo, aquelas não citadas entre os exemplares como *visualiza* ou *espia só*.

A Figura 2 demonstra nossa configuração de língua em rede esquemática, entretanto, o que realmente é demonstrado é uma parte da rede em que se situam os MDVV:

Figura 2 - Distribuição dos níveis de esquematicidade da construção [V_{visual} (X_{afixoide})]MDVV

Fonte - Autoria nossa com base em Sambrana (2021)

LEGENDA

V:verbo

X: subparte sem especificação

MD: marcador discursivo

Vs: verbo sensorial

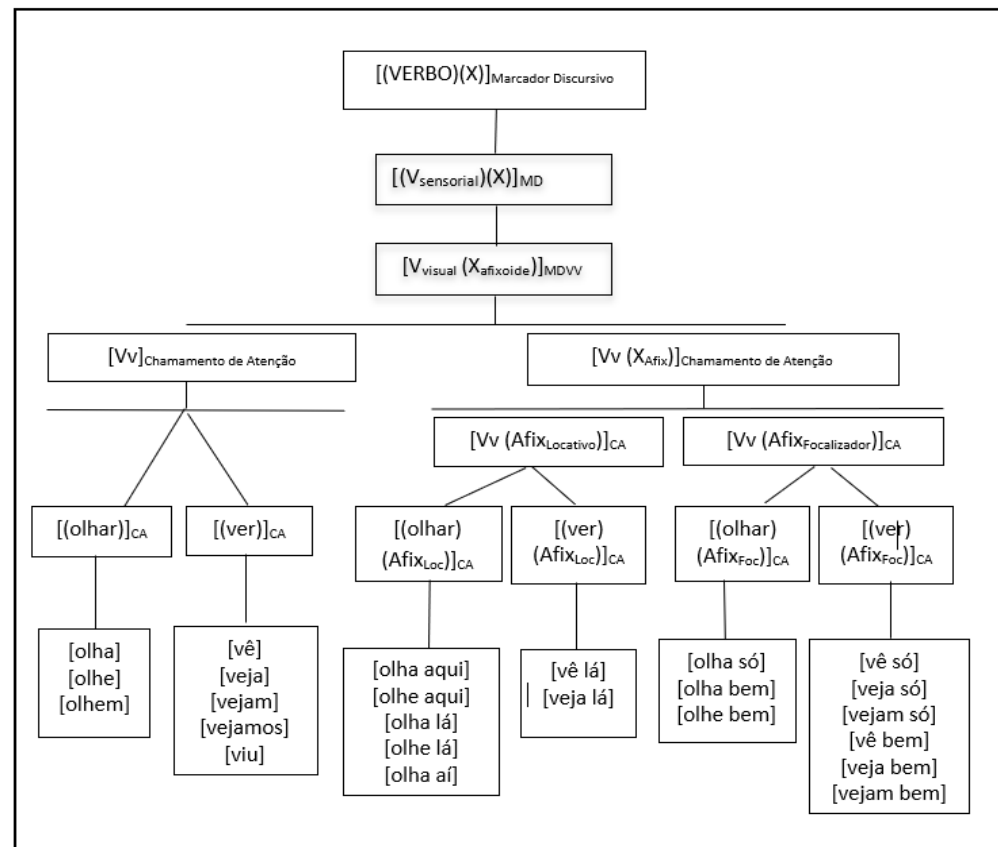
Vv: verbo visual

Xafix: subparte composta por afixoide

CA: chamamento de atenção

Loc: locativo

Foc: focalizador



Na Figura 2, no topo da rede, encontra-se [(VERBO)(X)]_{MarcadorDiscursivo}, que representa um esquema mais geral. Nesse esquema maior se situam todos os marcadores discursivos de base verbal. A partir daí, a rede vai sendo desmembrada em nós cada vez mais específicos, distribuídos em subesquemas, até chegar às microconstruções, enquanto *types* totalmente especificados.

Na Figura2, na terceira linha de cima para baixo, encontra-se [V_{visual} (X_{afixoide})]_{MDVV}, que constitui um outro esquema menos virtual que [(VERBO)(X)]_{MarcadorDiscursivo}. Dessa forma, esquemas são níveis abstratos de representação de uma categoria na rede, quer dizer, um ponto de aglomeração de características gerais. Na descrição dos subesquemas, tomamos a macrofunção de chamamento de atenção como função intermediária e representamos como CA.

Na abrangência de base visual, o pareamento forma-função da construção marcadora discursiva de visualização virtual configura-se esquematicamente como [V_{visual} (X_{afixoide})] ↔ [marca o discurso, regulando a interação através da manipulação do espaço atencional idealizado virtualmente para cumprir objetivos sociocomunicativos], nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Na questão da composicionalidade, cada elemento difere em termos de graus de composicionalidade. No nível microconstrucional, que é a base do esquema apresentado na Figura 2, tomamos [olha], em (1), [veja bem], em (3), e [viu]. Embora essas formas compartilhem o mesmo campo semântico (sentido visual) e o mesmo domínio funcional (marcação discursiva), apresentam diferentes graus de composicionalidade entre si. O valor semântico atribuído às formas advém do grau de “compatibilidade e incompatibilidade que se detecta entre o significado das partes e a correlação do significado do todo semântico” (Sambrana, 2019, p. 203). Para exemplificar o uso de [viu], tomamos o fragmento (11):

(11) - sociedade de consumo - pronto eu não quero acostumar - antigamente nos - eu não quero acostumá-lo nisso não porque amanhã ele se conforma - mas se... nós fomos criados - com tudo que vier entende? - cada um tem uma maneira de pensar diferente né? - **viu?** - nós fomos criados sem pensar em produzir - nós só pensávamos em economizar - hoje a sociedade de consumo é diferente - ela tem que pensar em produzir - pronto - e não em economizar - ó aí é - economizar é uma consequência. (*Corpus* do Português, oral, Recife, XX)

Aqui, comparamos as microconstruções marcadoras discursivas [olha], [veja bem] e [viu]. Um dos efeitos mais básicos da linearidade da fala é a progressão textual (Koch, 2013), que sintetizamos aqui como organização linear do discurso. Assumimos que a produção do discurso é um subsistema adaptável pelas emergências contextuais. Nessa visão de produção do discurso, pontuamos que os MDVV auxiliam a organização do discurso, bem como produzem sentidos procedurais através da manipulação do espaço atencional entre os falantes. Essa ação enquadra um *frame* considerado a base do sentido composicional – o chamamento de atenção (CA).

Dessa forma, o chamamento de atenção menos complexo é o mais referencial. Nesse direcionamento, o menos referencial adere aos sentidos mais complexos na questão do chamamento de atenção. Sendo assim, entre os usos de *olha*, *veja bem* e *viu*, nos contextos de usos apresentados, consideramos o uso de *olha*, em (1), como o sentido mais composicional da classe dos MDVV porquanto consiste em uma “simples requisição de atenção” (Sambrana, 2017). Utilizando esse critério de “simples requisição de atenção” (Sambrana, 2017) como parâmetro de composicionalidade, pontuamos que *viu*, em (11), perde menos em composicionalidade que o uso de *veja bem*, em (3). Dessa forma, *veja bem*, em (3), perde um grau maior de composicionalidade, porquanto não constitui “simples requisição de atenção”. Por sua vez, *veja bem* acumula funções de aumento de requisição de atenção e auxilia a arquitetura discursiva da argumentação. Nessa análise, observamos que ocorre perda na conservação da composicionalidade original em diferentes graus. Dessa forma, o aumento de ganhos pragmáticos significa perda de composicionalidade original da classe.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ESTATUTO CATEGORIAL DA CONSTRUÇÃO MARCADORA DISCURSIVA DE VISUALIZAÇÃO VIRTUAL

Em abordagem funcional-construcionista, este trabalho apresenta o estatuto categorial da construção marcadora discursiva de visualização virtual, [V_{visual} (X_{afixoide})]MDVV, como uma subclasse de marcadores discursivos de base verbal. Verificamos que o *status* categorial dos MDVV é de natureza relacional, ou seja, é uma categoria gramatical da língua, que desempenha funções textual-interativas e discursivo-pragmáticas (Sambrana, 2017; 2021).

Quanto às funções sintáticas dessa subclasse da categoria marcadora discursiva, seguimos Marcuschi (1986), onde diz:

Quanto às funções sintáticas, esses sinais podem ser responsáveis tanto pela sintaxe da interação como pela segmentação e pelo encadeamento de estruturas linguísticas. Marcam sintaticamente as unidades quando coocorrem com pausas, correções, elipses etc. Este fato sugere uma íntima relação da sintaxe da interação com a sintaxe gramatical. (Marcuschi, 1986, p. 72).

Nessa sintaxe da interação, a função de chamamento de atenção funciona como uma macrofunção subcategorial, uma vez que é compartilhada por outros marcadores discursivos de diferentes configurações, como, por exemplo, o perceptivo-auditivo *escuta aqui* (Rosa, 2019).

Em conclusão, a construção marcadora discursiva de visualização virtual regula a interação através da manipulação do espaço atencional idealizado virtualmente para cumprir objetivos sociocomunicativos dos falantes desde a organização textual do discurso até a garantia da ancoragem discursivo-pragmática dos sentidos veiculados. Sendo assim, por constituir uma categoria que atua na interface texto-discurso, o estatuto categorial da construção marcadora discursiva de visualização virtual é de nível pragmático da língua.

REFERÊNCIAS

- Bergs, A. & Diewald, G. (2009). *Contexts and constructions*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins publishing Company.
- Booij, G. (2007). *The grammar of words: an introduction to morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- Bybee, J. (2003). *Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. A handbook of historical linguistics*. United Kingdom: Blackweel Publishing.
- _____(2010). *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press.
- _____(2015). *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Castilho, A. T. de. (2014). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Croft, W. (2001). *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Cunha Lacerda, P. F. (2016). O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, 12, 83-101. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440>.
- Furtado da Cunha, M. A. & Bispo, E. B. (2013). Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, 15, 53-78. https://www.researchgate.net/publication/341577024_Pressupostos_teorico-metodologicos_e_categorias_analiticas_da_Linguistica_Funcional_Centrada_no_Uso.
- Furtado da Cunha, M. A. & Bispo, E. & Silva, J. R. (2013). *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ.
- Furtado da Cunha, M. A. & Oliveira, M. R. de & Martelotta, M. E. (2015). *Linguística funcional teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Furtado da Cunha, M. A. & Souza, M. M. de. (2011). *Transitividade e seus contextos de uso*. Coleção: Leituras introdutórias em linguagem, v. 2. São Paulo: Cortez.
- Goldberg, A. (1995). *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press.
- _____(2006). *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.

Goldberg, A. (2013). Constructionist Approches. In T. Hoffmann & G. Trousdale (Eds.), *The oxford handbook of construction grammar*. New York: OUP, pp. 10-21.

Heine, B. & Kaltenböck, G. & Kuteva, T. (2019). *On the rise of discourse markers*. Researchgate. Preprint. DOI: 10.13140/RG.2.2.31703.73129.

Hopper, P. J. (1987). Emergent grammar. In J. Aske, N. Berry, L. Michaelis & H. Filip (Eds.), *Berkeley Linguistics Society 13: General session and parasession on grammar and cognition*. Berkeley, CA: BLS, pp. 139-157.

Jubran, C. S. (Org) (2013). *A construção do texto falado*, v. 1. São Paulo: Contexto.

Koch, I. V. (2013). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.

Marcuschi, L. A. (1986). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.

_____(2004). *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez.

Martelotta, M. E. (2011). *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez.

_____(2012). Advérbios – conceito e tendências de ordenação. In M. R. de Oliveira & M. M. Ceza-rio (Orgs.), *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: Editora da UFF, pp. 13- 96.

Neves, M^a. H. de M. (2011). *Gramática de usos do português* (2^a ed.). São Paulo: UNESP.

Oliveira, M. R. de & Rosário, I. da C. do (2015). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: FAPERJ.

Risso, M. S., Silva, G. M. de O. & Urbano, H. (2002). *Marcadores discursivos: traços definidores. Gramática do português falado* (2. ed.). São Paulo: Unicamp, pp. 21-57.

Rosa, F. S. da L. (2019). *A mesoconstrução marcadora discursivo refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. Tese de doutorado. https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/13019/Tese_Fl%c3%a1via%20Saboya_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

Rosário, I. da C. do & Oliveira, M. R. de. (2016). Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 60(2), 233-259. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>.

Sambrana, V. R. M. (2017). *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem construcional*. Dissertação de mestrado. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3738>.

_____(2019). Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivos-visuais olhar e ver: virtualidade e contexto de uso. In J. R. Silva & D. M. Gomes (Orgs.), *Análise linguística em perspectiva funcional*. Natal: EDUFRRN, pp. 194-219. <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/27100/1/An%C3%A1lise%20lingu%C3%ADstica%20em%20perspectiva%20funcional.pdf>.

Sambrana, V. R. M. (2021). *Construcionalização de marcadores discursivos formados por olhar e ver no português*. Tese de doutorado. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22848>.

Schiffrin, D. (1987). *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

Traugott, E. C. (1995). *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Paper presented at I CHL XII Manchester. Stanford University, USA, pp. 1-23. <https://web.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>.

_____(2018). Rethinking the role of invited inferencing in change from the perspective of interactional texts. *Interaction and Language Change*, 4, 19-34. New York: Mouton of Gruyter. <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/opli-2018-0002/html>.

_____(2021). A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. *Cadernos de Linguística*, 2(1), 1-26. <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/269>.

Traugott, E. C. & Dasher, R. (2005). *Regularity in semantic change* (2. ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

Traugott, E. C. & Trousdale, G. (2013). *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.

